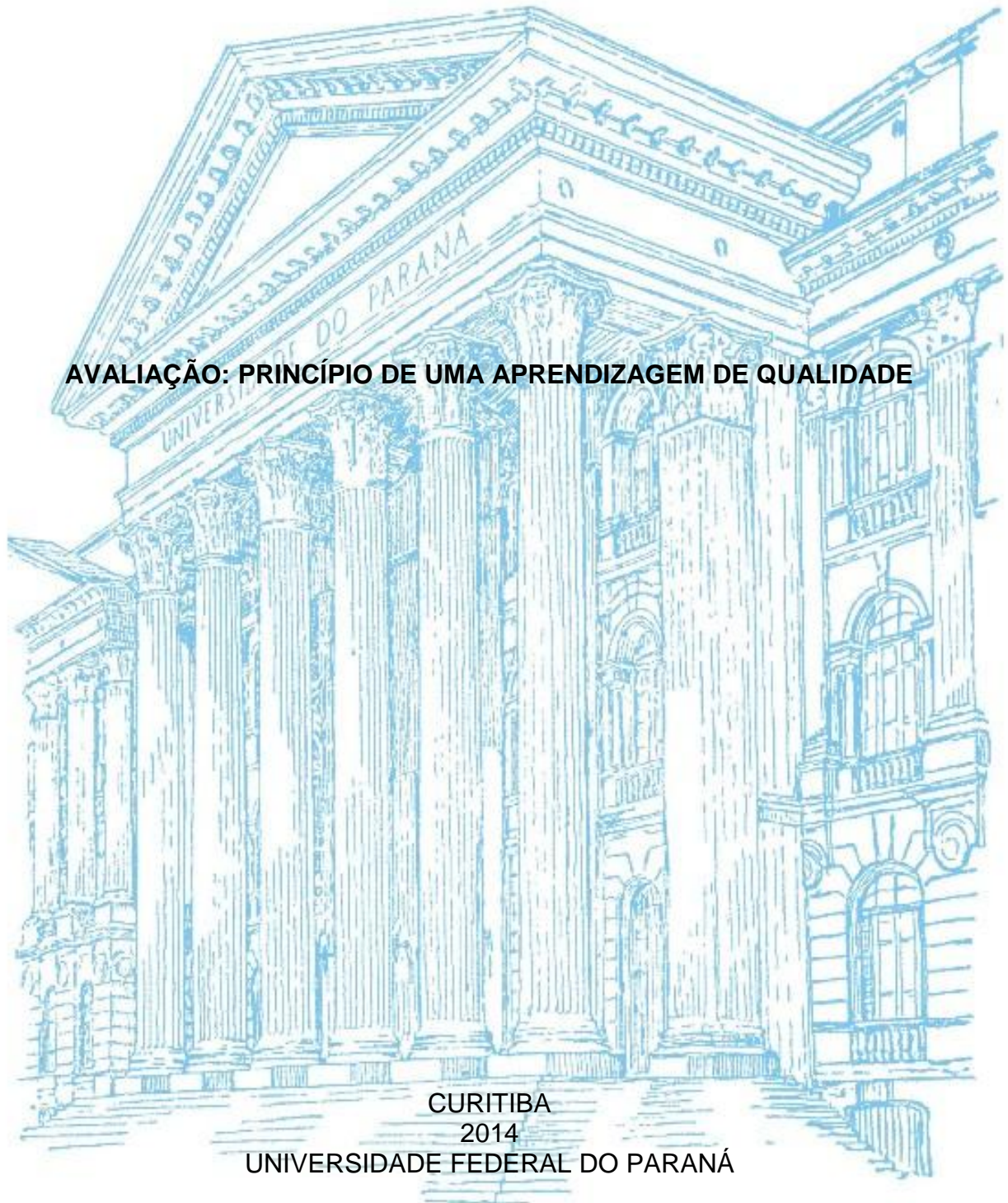


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

PATRÍCIA RAMOS CAZAROTO

AVALIAÇÃO: PRINCÍPIO DE UMA APRENDIZAGEM DE QUALIDADE



CURITIBA
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

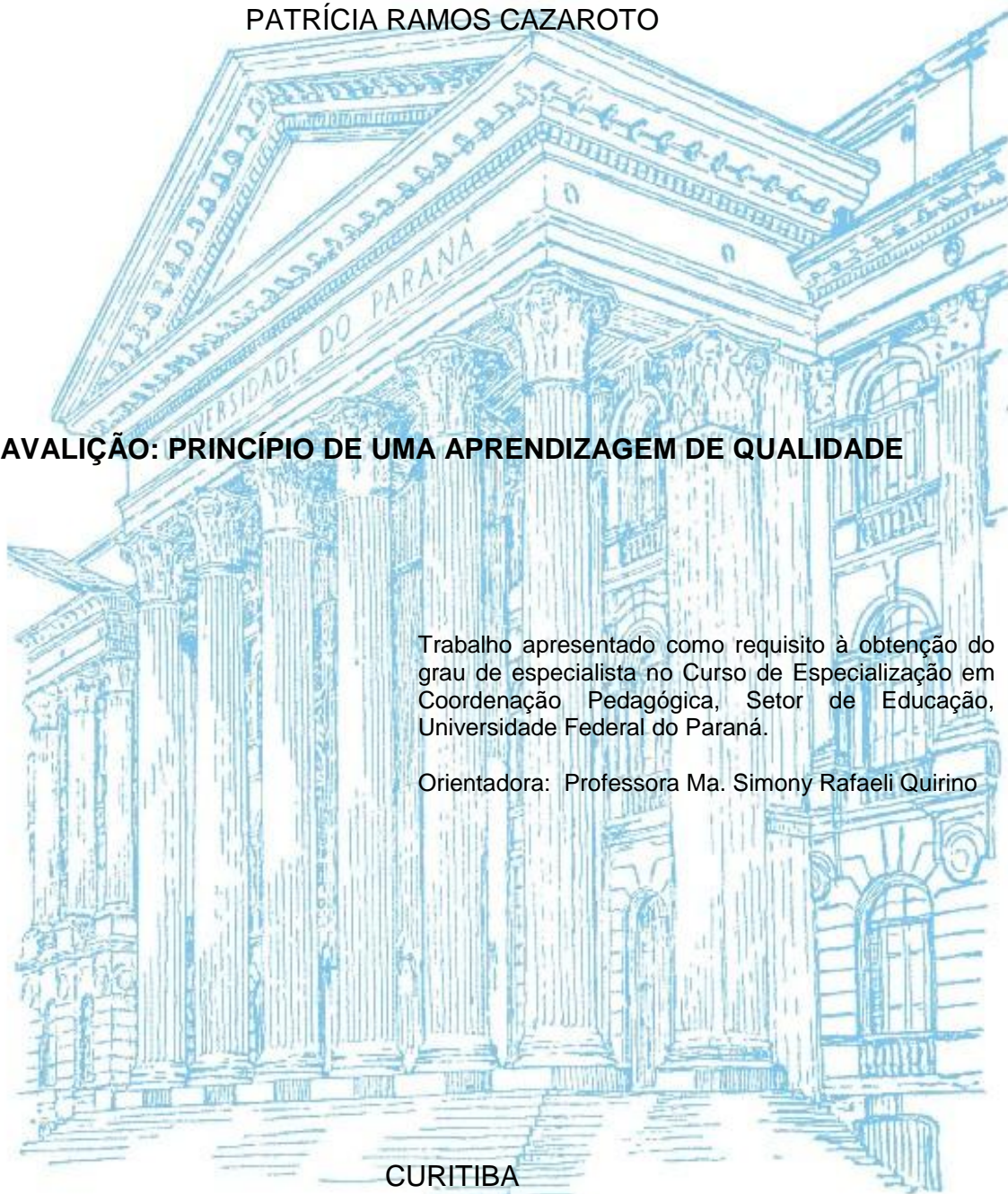
PATRÍCIA RAMOS CAZAROTO

AVALIAÇÃO: PRINCÍPIO DE UMA APRENDIZAGEM DE QUALIDADE

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora Ma. Simony Rafaeli Quirino

CURITIBA
2014



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
AVALIAÇÃO ESCOLAR.....	6
CONTEXTO DA ESCOLA PESQUISADA¹.....	7
AVALIAÇÃO PRATICADA PELA ESCOLA	11
O QUE PENSAM OS ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA PESQUISADA SOBRE A AVALIAÇÃO ESCOLAR.....	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	13
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	14

AValiação: PRINCÍPIO DE UMA APRENDIZAGEM DE QUALIDADE

PATRÍCIA RAMOS CAZAROTO²

RESUMO

Este artigo procura verificar o que pensam os alunos sobre a avaliação escolar. Para isso, foram aplicados questionários a dezoito alunos de uma turma do 9º ano do ensino fundamental de uma escola localizada no município de Siqueira Campos/Paraná. Verificou-se a partir das respostas dos alunos que a avaliação ainda é vista como excludente e classificatória, mas também fundamental para demonstrar o nível de aprendizagem e o que de fato aprendemos, proporcionando para os alunos a interpretação de seus avanços escolares.

Palavras-chave: Avaliação. Aluno. Professor. Trabalho pedagógico. Educação.

2

Artigo produzido pela aluna Patrícia Ramos Cazaroto do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EAD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora mestra Simony Rafaeli Quirino. E-mail: paty_luh@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Muitas são as questões envolvendo a organização interna da escola sobre as quais os educadores divergem, assim como, são inúmeras as razões que apresentam para que o consenso não seja alcançado.

A organização do trabalho escolar como atividade que reúne diferentes atores é afetada por esta diversidade de concepções, interesses, valores. Disto surge a necessidade de construção de acordos mínimos para que se acertem as decisões que são tomadas, sem os quais pode se comprometer a eficácia do trabalho planejado.

A avaliação da aprendizagem como uma categoria constitutiva do trabalho pedagógico que atinge as formas de agir dos alunos e de toda comunidade escolar merece atenção especial (SORDI, 2009, p. 313).

De acordo com ROLDÃO (2005), sem a avaliação fica-se desprovido de evidências que permitam monitorar e interferir precocemente nas condições que prejudicam ou potencializam a obtenção dos objetivos educacionais pretendidos. Avaliar os estudantes e o quanto aprenderam é atividade inerente ao trabalho docente constituindo parte da cultura escolar já incorporada pelos alunos e famílias.

A avaliação deve ser encarada como reorientação para uma aprendizagem melhor e para a melhoria do sistema de ensino (ABRAMOWICZ, 2009).

No entanto, há muitas dúvidas sobre a importância da avaliação para promover avanços no desenvolvimento dos estudantes, pois esta há tempos é vista como: excludente, classificatória e seletiva dentre outros adjetivos nada positivos.

O discurso da avaliação perde potência quando os sujeitos da relação e em relação desconhecem a natureza multifacetada deste fenômeno e tendem a valorizar resultados obtidos em circunstâncias pontuais, desconsiderando os processos em que se ancoraram (LUCKESI, 2001).

Segundo Luckesi (2001), esta forma de entender a avaliação, se acostumar com sua forma classificatória e de vê-la como um ato de comunicação com ares de naturalidade, no qual alguém assume e diz o quanto vale o trabalho do outro, sem que a este outro seja dada a oportunidade de se manifestar sobre o processo vivido e suas eventuais dúvidas, acaba por enfraquecer esta prática e o seu sentido formativo.

Pensando nesta problemática este artigo pretende dar voz ao outro, no caso os alunos, procurando verificar o que pensam sobre a avaliação escolar. Para isso, foram aplicados questionários a dezoito alunos de uma turma do 9º ano do ensino fundamental de uma escola localizada no município de Siqueira Campos /Paraná.

AVALIAÇÃO ESCOLAR

A avaliação fundamentada em pressupostos tradicionais e apenas quantitativos ainda é uma abordagem usual, contudo devemos refletir sobre este cenário tendo em vista as novas demandas sociais.

De acordo com Pastore (2011), a avaliação não é apenas um meio de dar nota ao aluno, esta também ajuda no aprendizado revelando ao professor se o método de ensino que ele está utilizando é eficiente.

Assim sendo, a avaliação não pode servir apenas para aprovar ou reprovar, esta deve detectar as facilidades e as dificuldades de aprendizagem que possam ser acompanhadas em longo prazo. Realizada desta forma a avaliação detecta onde houve ou não aprendizagem e esclarece a quem avaliou e a quem foi avaliado onde é preciso melhorar para que de fato haja aprendizagem com qualidade.

A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB nº 9.394/96, em seu artigo 24, ao se referir à verificação do rendimento escolar determina que os docentes observem os critérios de avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.

De acordo com Luckesi (2001) existem vários tipos de avaliação, entre elas a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação somativa.

A avaliação diagnóstica, de acordo com o autor, se realiza no início do curso, do ano letivo, do semestre/trimestre, da unidade ou de um novo tema e pretende verificar o que os alunos possuem de conhecimentos, constata deficiências em termos de pré-requisitos e constata particularidades.

A avaliação formativa, conforme o autor, ocorre ao longo do ano letivo. É por meio desta avaliação que se faz o acompanhamento progressivo do aluno, ajudando o mesmo a desenvolver as capacidades cognitivas ao mesmo tempo em que fornece informações sobre o seu desempenho. Também informa se os objetivos

estão ou não sendo atingidos pelos alunos, identifica obstáculos que estão a comprometer a aprendizagem e localiza dificuldades.

Já a avaliação somativa, segundo o autor, classifica os alunos no fim de um semestre/trimestre, do curso, do ano letivo, segundo níveis de aproveitamento. Tem a função classificadora (classificação final).

Além da avaliação da aprendizagem existem nas instituições de ensino avaliações externas como a Provinha Brasil, a Avaliação Nacional da Alfabetização na Idade Certa – ANA e a Prova Brasil.

Para Lima (2008, p. 15), estas avaliações têm como objetivo oferecer subsídios para o monitoramento das políticas públicas e, conseqüentemente, reformas na educação e pretendem diagnosticar as condições de ensino e aprendizagem, com vistas à definição de ações voltadas para a melhoria da qualidade da educação no País, bem como reduzir as desigualdades existentes. O resultado desta sistemática de avaliação é revestido em recursos financeiros e técnicos direcionados às escolas.

Contexto da escola pesquisada³

O Colégio em estudo funciona desde 02 de outubro de 1950, porém com outro nome, outro endereço e outras características físicas.

Quando foi instalado em 09 de março de 1952 funcionava num imóvel de alvenaria localizado onde hoje é o atual Centro de Saúde. Ali funcionava ofertando Curso Ginásial com o nome de Ginásio Estadual de Siqueira Campos, com 42 alunos e sob a direção do Professor Joel Sanches.

Na gestão do Prefeito João Ramos foi construído um imóvel em madeira com nove salas de aula, hoje atual departamento de obras da Prefeitura Municipal, destinado a sediar o Ginásio Estadual.

Também no mesmo prédio criou-se em outubro de 1956 o curso primário para que os estudantes dos cursos da escola normal fizessem a Prática de Estágio. A denominação da escola normal era ENCE - Escola Normal e Colegial Armando Barbosa Lemes – fundada na década de 50 cuja primeira turma estudava nas dependências do atual Centro de Saúde. Posteriormente, o curso foi transferido

³ Destaca-se que todos os dados referentes à escola foram retirados do Projeto Político Pedagógico da mesma.

também para as dependências do Ginásio Estadual de Siqueira Campos.

Em 1961, o Ginásio Estadual teve sua denominação alterada para homenagear um Professor que havia sido professor do Ginásio Estadual desde a sua instalação chegando ao cargo de Diretor no período de março de 1955 a dezembro de 1960 quando veio a falecer.

Finalizando a década de 60, precisamente 1969 o Estabelecimento de Ensino foi autorizado a ofertar o Curso Científico-Colegial, então sua denominação foi mudada, ministrando o Ensino Secundário de 1º e 2º ciclos. O Estabelecimento também ofertava o Curso de Contabilidade, porém vinculado à nomenclatura Escola de 2º Grau “Dezenove de Dezembro”.

Nesta época as dependências do prédio escolar por serem de madeira encontravam-se infestadas de cupim e também insuficientes para demanda de alunos. Fator que motivou a construção de novas instalações em alvenaria, na parte alta da cidade, nas proximidades do Santuário do Senhor Bom Jesus, em terreno cedido pela Prefeitura Municipal. O novo prédio foi concluído no final de 1974, sendo transferido o funcionamento das atividades escolares para nova sede no ano letivo de 1976.

A partir de então todas as atividades escolares passaram a funcionar no novo prédio e, em 1978, com o ato Governamental de reorganizar as escolas, o Complexo Escolar armando Barbosa Lemes foi autorizado a funcionar jurisdicionado ao Colégio Estadual alterando a denominação para Colégio Estadual Segismundo Antunes Netto – Ensino de 1º Grau e Ensino de 2º Ciclo.

No início de 1980 teve mais um ato governamental reorganizando as escolas, onde a Escola Reordenada de 2º Grau “Dezenove de Dezembro” foi reordenada junto ao Colégio Estadual, o qual teve sua denominação alterada para Colégio Estadual Professor Segismundo Antunes Netto – Ensino de 1º e 2º Graus. Por último em 1982 o Estabelecimento de Ensino teve o Ato de Reconhecimento do Curso de 1º Grau Regular e 2º Grau Regular com as habilitações de Magistério e Contabilidade.

A partir de então sempre amparado pela Legislação competente, o Estabelecimento de Ensino funciona ofertando vários cursos.

O Estabelecimento de Ensino também enfrenta problemas como: gravidez precoce, alcoolismo, cigarro, drogas lícitas e ilícitas. Ações preventivas como

palestras e miniprojetos nas aulas de Ciências, Biologia e Educação Física são executadas no âmbito escolar em parceria com a sociedade civil organizada visando conscientizar alunos e familiares para promoção de uma vida saudável.

Quanto à realidade socioeconômica, os alunos e seus familiares residem em Casa Própria, numa proporção de 76,78% (setenta e seis pontos, setenta e oito por cento). No Ensino Fundamental os alunos são mantidos pelos pais ou responsáveis, pois não trabalham apenas se dedicam aos estudos. O mesmo fato se repete com o Ensino Médio Organizado por Blocos de Disciplinas Semestrais ofertado no período diurno. A renda financeira dos alunos e de seus familiares varia em torno de um a três salários mínimos.

Quanto aos alunos do Ensino Médio Organizado por Blocos de Disciplinas Semestrais e do Curso de Formação de Docentes do período noturno, os mesmos se mantêm com seus próprios trabalhos, cuja renda média é em torno de um salário mínimo. Esses alunos trabalham no comércio em geral, desempenhando funções de balconistas, nas fábricas de confecções têxteis como costureiros, nas cerâmicas (oleiros), na fábrica de capacetes e peças para motocicletas. Também trabalham como serventes de pedreiros, boia-fria e outras atividades como diaristas, babás, domésticas. Alguns dos alunos matriculados no período noturno e residentes nos bairros rurais localizados próximo ao perímetro urbano vêm trabalhar nas fábricas e comércio em geral. Outros e aí se soma a maioria, trabalham com a própria família nas pequenas e médias propriedades agrícolas cultivando o solo ou então em culturas alternativas como Avicultura, Laticínio, Sericicultura, Doces e Conservas derivados do Milho, Pecuária de Leite entre outros. A renda familiar varia de mensal a época de colheitas girando em torno de um a dois salários mínimos.

Quanto à religiosidade, a maioria dos alunos pertence às famílias seguidoras da Igreja Católica, em seguida pela ordem de quantidade temos um número expressivo de alunos seguidores das Igrejas Evangélicas, alunos da Igreja Congregação Cristã no Brasil e alunos pertencentes às Testemunhas de Jeová. Os alunos se deslocam de suas casas até o Estabelecimento Escolar por meio de ônibus escolar, transporte público coletivo, motos, carros e a pé, variando o número e o tipo de transporte conforme o período das aulas.

No período diurno. - período matutino a faixa etária dos alunos do Ensino Fundamental varia de 10 (dez) a 18 (dezoito) anos. No Ensino Médio a faixa etária é de 14 (quatorze) a 29 (vinte e nove) anos. No período diurno (vespertino) a faixa etária dos alunos do Ensino Fundamental varia de 10 (dez) a 17 (dezesete) anos; no Ensino Médio varia de 14 (quatorze) a 18 (dezoito) anos; no Curso de Formação de Docentes varia de 14 (quatorze) a 39 (trinta e nove) anos. No período Noturno a faixa etária dos alunos do Ensino Médio varia de 14 (quatorze) a 29 (vinte e nove); no Curso de Formação de Docentes - Integrado varia de 16 (dezesesseis) a 18 (dezoito) anos. Enquanto que no mesmo curso na modalidade Subsequente a faixa etária varia de 18 (dezoito) a 52 (cinquenta e dois) anos. Na Educação de Jovens e Adultos Fase II Individual e Coletiva a faixa etária varia de 16 (dezesesseis) aos 54 (cinquenta e quatro) anos; no Ensino Médio Individual e Coletivo a faixa etária varia de 18 (dezoito) aos 64 (sessenta e quatro) anos. Este Estabelecimento de Ensino recebe alunos provenientes do município todo, sendo a maioria residente nos bairros urbanos. Inclusive o Curso de Formação de Docentes é frequentado por alunos de outros municípios.

No período da manhã 128 (cento e vinte e oito) alunos se deslocam dos bairros rurais para vir estudar neste Estabelecimento de Ensino, enquanto que no período da tarde o número de 228 (duzentos e vinte e oito). No período noturno a realidade se repete com 111 (cento e onze) alunos residindo nos bairros rurais. Os alunos provenientes da zona rural são transportados por ônibus – micro ônibus – Kombi credenciados para realizar estes serviços. Todos os bairros rurais contam com linhas de ônibus escolar ao menos na estrada mestre o que facilita o acesso dos alunos à escola. Não há na distribuição de turmas a separação dos alunos apenas da zona rural, ao contrário, as 48 (quarenta e oito) turmas são compostas por alunos residentes no centro urbano, periferia, e bairros rurais. Todos os bairros rurais têm linhas de ônibus escolar fazendo itinerário nos horários vespertino e no noturno e alguns também no período matutino. Na área urbana, os alunos residem em sua maioria nos bairros periféricos em relação ao centro da cidade.

A escola possui 146 funcionários. Destes, 11 são agentes educacionais I, são os atendentes de biblioteca, secretários e técnico administrativo, todos possuem o ensino superior completo, 12 são agentes educacionais II sendo auxiliares

operacionais, serviços gerais, inspetores, merendadeiras, que na sua maioria possuem o ensino médio, 11 são agentes educacionais I, são os atendentes de biblioteca, secretários e técnico administrativo, que na sua maioria possuem o ensino médio completo. 115 são professores possuem o ensino superior completo. 3 diretores e 4 pedagogos também possuindo o ensino superior completo e um dos diretores é mestre em educação.

Avaliação praticada pela escola

O Projeto Político Pedagógico da escola define que no ensino fundamental e no curso de formação de docentes a promoção do aluno de um ano para outro anualmente ocorre mediante avaliações que devem totalizar no mínimo vinte e quatro pontos.

Conforme o sistema escolar estadual, a escola estabelece a média seis para cada bimestre letivo. Para atingir essa média, o aluno participará de atividades que ao final do bimestre chegam ao valor máximo de quatro, sendo estas: pesquisas escolares, apresentação de trabalhos, produção de textos em forma de relatórios, redações, participação e envolvimento com os temas desenvolvidos em sala de aula e participação em atividades extraclasse, todas com valores somatórios para o final do bimestre. Além disso, o aluno realizará, no mínimo, dois instrumentos de avaliação que somarão ao todo seis pontos, totalizando ao final do bimestre o valor de dez pontos.

No Ensino Médio, por ser ministrado por blocos disciplinares, o aluno é promovido de um ano para outro mediante aprovação em todas as disciplinas de cada bloco. Cada bloco tem a duração de dois bimestres onde o aluno deverá alcançar no mínimo às médias seis, totalizando doze pontos.

Cada professor ao elaborar seu plano de trabalho docente planeja os conteúdos e estabelece a forma de avaliá-los. De modo geral, as avaliações são realizadas seguindo critérios e/ou expectativas de aprendizagem, tais como: capacidade de síntese das principais ideias dos temas estudados; desenvoltura durante as apresentações de trabalhos; capacidade de argumentar e apresentar as ideias próprias; desempenho na oralidade e na escrita; desempenho na produção de

textos; desempenho nas provas escritas; capacidade de interpretação nas provas objetivas; e capacidade de análise, comparação e relação.

Os instrumentos utilizados para verificar esses critérios são: relatórios sobre pesquisas realizadas; prova escrita com consulta em algumas fontes já pesquisadas; prova escrita em duplas; prova escrita individual; debates e exposição de trabalhos.

O que pensam os alunos do 9º ano do ensino fundamental da escola pesquisada sobre a avaliação escolar

Para verificar a percepção dos alunos do 9º ano do ensino fundamental da escola pesquisada sobre a avaliação escolar foram aplicados questionários. Ao todo dezoito alunos responderam, dos quais dez são meninas e oito são meninos, cujos pais participaram da reunião bimestral da escola e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e autorizaram a aplicação dos questionários.

A pesquisa foi realizada em dois momentos. Inicialmente foi pedido aos alunos que escrevessem no quadro uma palavra que para eles significasse a avaliação escolar. Em seguida, foi entregue um questionário com cinco questões para que os alunos respondessem.

As palavras descritas pelos alunos que se relacionam a avaliação são: medo, preguiça, esforço, ansiedade, desconforto, suor, acertos e erros, aprender, saber, organizar, faltar, solução, colar, perguntar, descobrir, recuperação. Apenas dois alunos não quiseram escrever.

Quando questionados sobre o número de avaliações que realizam em cada disciplina todos os alunos entrevistados responderam quatro avaliações.

Em vista disto percebemos que mesmo havendo muitos estudos que demonstrem que há outras formas de avaliar e que devem ser aplicados os alunos ainda preferem a avaliação escrita

No que se referem às próprias notas nas avaliações três alunos responderam que são ruins, seis alunos responderam que são médias, seis alunos responderam que são boas e apenas três marcaram a opção ótimas.

Quando questionados se as explicações em sala ajudam na hora da avaliação cinco alunos responderam que às vezes, 07 responderam sim e 06 responderam não.

“A avaliação deve ser encarada como reorientação para uma aprendizagem melhor e para a melhoria do sistema de ensino”, resume Mere Abramowicz, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Daí a importância de pensar e planejar muito antes de propor um debate ou um trabalho em grupo. É por isso que, no limite, você pode adotar, por sua conta, modelos próprios de avaliar os estudantes, como explica Mere. “Felizmente, existem educadores que conseguem colocar em prática suas propostas, às vezes até transgredindo uma sistemática tradicional”. Em qualquer processo de avaliação da aprendizagem, há um foco no individual e no coletivo.

A maioria (08 alunos) respondeu que as disciplinas que realizam avaliações criativas (diferentes) são artes, português, educação física e ciências. Três alunos citaram as disciplinas de inglês e português, dois alunos marcaram as disciplinas de geografia e história, dois alunos responderam artes e educação física e apenas três alunos marcaram a alternativa todas as disciplinas.

Considerações Finais

Os diversos significados da avaliação nos demonstram como é desafiador questionar essa prática tão necessária e, ao mesmo tempo, tão complexa.

Este estudo possibilitou um olhar diferenciado com relação à avaliação da aprendizagem no ambiente escolar, levando-nos a refletir sobre o que pensam os alunos sobre a avaliação praticada na escola.

Diante dos dados apresentados pelos alunos entrevistados podemos concluir que, apesar da identificação de alguns elementos, na ação pedagógica desses alunos, que fundamentam a avaliação como um instrumento de mediação entre o ensino e a aprendizagem, a prática avaliativa continua apresentando caráter pontual, classificatório e excludente.

Neto e Aquino (2009) destacam que neste contexto, o professor tem papel fundamental no processo avaliativo e, por isso, necessita, durante a ação educativa, buscar estimular e incentivar o aluno, com estratégias diferenciadas, possibilitando o acolhimento, a integração e a inclusão dos sujeitos do conhecimento. É imprescindível ao professor, no seu fazer cotidiano, dar oportunidade para os

educandos trocaram ideias, se expressaram e participaram dos trabalhos em grupo e/ou individuais.

Portanto, a partir destas reflexões, concluímos que há necessidade de transformar o ambiente escolar numa constante avaliação que possibilite aprendizagem de fato e que este ato de avaliar possa ser mais que classificatório seja ensinado, vivido, sentido, transformado para a vida para que com isso a vida do educando possa ser transformada, pois considerando a avaliação da aprendizagem como um meio de que o professor dispõe para obter informações a respeito dos avanços e das dificuldades dos alunos, capaz de dar suporte ao processo de ensino e aprendizagem, e que a avaliação tem a função de motivar o crescimento, uma vez que ela "motiva na mesma medida em que diagnostica e cria o desejo de obter resultados mais satisfatórios" (LUCKESI, 2002).

Referências Bibliográficas

ABRAMOWICZ, Anete Disponível em <http://revista.escola.abril.com.br/formação/avaliacao-aprendizagem-427861.shtml>

ARROYO, Miguel G. **Fracasso e sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica.** In: EM ABERTO, Brasília, n. 53, 1992.

BRASIL. **Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96.** Brasília: 1996.

COLÉGIO ESTADUAL __PROFESSOR SEGISMUNDO ANTUNES NETTO. **Projeto Político Pedagógico. e Regimento Escolar – 2011.**

FREITAS, Luis Carlos. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática.** Campinas: Papyrus, 1995.

HOFFMAN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: Mito e Desafio: uma perspectiva construtivista.** 26. ed. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações.** 7 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

LIMA, Licínio. C. A escola como organização educativa. Uma abordagem sociológica. P 13 .3 ed. São Paulo: Cortez , 2008.

LUCKESI, Cipriano. Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar.** P. 38- 14ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PASTORE, Marina Para que serve a Avaliação Escolar. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/7-respostas-sobre-avaliacao-escolar-625072.shtml>> Acesso em: 14 jul. de 2014.

SORDI, 2009 http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982009000200010 e
<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1637/1637.pdf>